



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estudo de caso da regência dos verbos ir e chagar: fala dos professores

Por: Sônia Cristina Zavodoni Carlotto¹
soniazavodini@gmail.com
&
Josiane Jabovski Smiderle²

Resumo

Este artigo visa a discutir o tema variação linguística e analisar especificamente o uso dos verbos “ir” e “chegar”, seguido de suas preposições – como forma de regência –, apresentadas pela Gramática da Língua Portuguesa. Dessas preposições, falantes da língua materna usam a palavra “a” para ambos os verbos. A proposição se justifica pelo fato de se constatar que a língua padronizada, retórica, que segue as normatizações prescritas pela gramática normativa, não está tão presente na fala dos usuários da língua materna.

Palavras-chave: Gramática/Norma; Variação linguística; Verbos Ir e Chegar; Regência Verbal.

-
- 1 É Especialista em Docência de Ensino Superior pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Cascavel – UNIPAN/ FACIAP, é Especialista em Interfaces Linguísticas, Literárias e Culturais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel, é Graduada em Letras: Português-Espanhol pela Universidade Paranaense – UNIPAR e Graduada em Administração pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel – UNIVEL. É servidora pública estadual, atuando na Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR, Núcleo Regional de Educação de Cascavel.
 - 2 É Graduada em Letras: Português-Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. É servidora pública municipal na Secretaria Municipal de Educação de Cafelândia/ PR, lotada na Escola Municipal Teotônio Vilela.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

This article aims at discussing the theme linguistic variation and analyze specifically the use of the verbs "go" and "get", followed by their prepositions - as a form of regency - presented by the Grammar of the Portuguese Language. From these prepositions, native language speakers use the word "the" for both verbs. Such proposition is justified by the fact that it has been verified that the standardized, rhetoric language, which follows the norms prescribed by the normative grammar, is not so present in the speech of native language users.

Keywords: Grammar/Norm; Linguistic Variation; Verbs Go and Get; Verbal Regency.

Introdução

As variações da língua são palco para questões polêmicas: de um lado, se encontram gramáticos defendendo piamente a norma culta e, de outro, estão linguistas condenando determinadas regras, modos de ensino, conteúdos, ou até mesmo a importância da gramática. Esses linguistas, embora façam críticas às gramáticas, em seus discursos e publicações de artigos, livros, matérias para jornais ou revistas científicas, não deixam de fazer uso da gramática normativa, a mesma que foi duramente criticada anteriormente. Tal situação leva a determinados questionamentos, tais como: Por que discursar que a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

língua não é uniforme, que é variante e, então, em suas escritas utilizar-se do que não pregam, aliás, utilizar-se do que criticam? Seria pelo fato de que a variedade linguística é o reflexo da variedade social e que as línguas fornecem meios também para a identificação social? Seria pelo fato de que a língua culta deve ser contemplada somente na variedade escrita? Que a língua falada pode ser dita assim, porque aprendemos a falar assim, porque todos falam assim?

Segundo Possenti (1996),

[...] se temos claro que as línguas mudam, fica claro também por que os falantes não conhecem certas formas lingüísticas: é que elas não são mais usadas na época em que os falantes se tornam falantes. Se não são usadas, não são ouvidas. Se não são ouvidas, não podem ser aprendidas [...] Aprendemos falar assim porque todos falam assim (POSSENTI, 1996, p. 38-39).

Diante da presença da variação linguística entre os falantes da língua materna, fato este que é de total relevância, haja vista saber-se que a língua é mutante, viva, que sofre constantes alterações, recebe e empresta léxicos, vocábulos, termos e expressões, é que se escolheu o tema ora proposto.

Como proposta metodológica, optou-se por trabalhar com o estudo de caso. Entende-se que toda pesquisa parte da construção de um modelo da realidade. A partir desse modelo, pode-se determinar as formas e observá-las. Há técnicas de observação distintas, porém a opção por uma dessas técnicas deve

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ser determinada pelos referidos modelos prévios, que, no fundo, fazem parte da própria hipótese da pesquisa.

Compreende-se que o estudo de caso contribui para aumentar o entendimento de fenômenos sociais complexos. Além disso, permite uma investigação das características significantes de eventos vivenciados.

De acordo com Gil (2010), o estudo de caso propõe uma análise aprofundada de um ou mais objetos (porém poucos), com o fim de ampliar e detalhar seu conhecimento.

Para isso, recorre-se à entrevista coletiva, visto que esta direcionou a um ponto principal e, a partir dele, busca-se abstrair o maior número de informações possíveis. Procuram-se falares diferentes, bem como se analisam pessoas diferentes, o que permitiu uma visão mais ampla.

Por fim, concluído o banco de dados, direcionou-se o trabalho para iniciar a produção deste artigo.

Norma culta, gramática e variação linguística

A gramática normativa, segundo Pasquale e Ulisses (2008, p. 14), determina o que se considera como certo ou errado em uma língua. De acordo com Abaurre e Pontara (2006, p. 8), a “[...] norma culta ou padrão é a denominação dada à variedade linguística dos membros da classe social de maior prestígio dentro de uma comunidade”. Tendo como base os escritos de Antunes (2007),



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Na verdade, quando se fala em *gramática*, pode-se estar falando: a) das regras que definem o funcionamento de determinada língua, como em: “a gramática do português”; b) das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em: “a gramática da norma culta”; c) de uma perspectiva de estudo, como em: “a gramática gerativa”, “a gramática estruturalista”, a “gramática funcionalista”; ou de uma tendência histórica de abordagem, como em: “a gramática tradicional”; d) de uma disciplina escolar, como em: “aulas de gramática”; e) de um livro, como em: “a Gramática de Celso Cunha” (ANTUNES, 2007, p. 25-26).

Compreende-se que a gramática normativa, resumidamente, como o “livro” que contém o conjunto de normas do bem falar e do bem escrever, baseado na retórica e na eloquência, descritas para “moldar” os falantes da língua materna, neste caso, a Língua Portuguesa.

Já por variação linguística, entende-se tudo aquilo que não segue a padronização prescrita e cristalizada pela gramática normativa, sendo muito mais frequentemente na oralidade.

Retomando as autoras Abaurre e Pontara (2006, p. 8), “[...] variedade linguística é cada um dos sistemas em que uma língua se diversifica, em função das possibilidades de variação de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe)”.

Para Sarmiento (2005, p. 20), “[...] variedades linguísticas são as diferentes variações da língua, de acordo



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com os padrões de uso que ela pode manifestar”. Contudo, segue ressaltando Sarmiento (2005, p. 21) que “as variedades de registro dependem, portanto, da forma de expressão oral ou escrita; da receptividade entre os interlocutores e do grau de formalismo identificado na interlocução”.

Assim, a Linguística, seguida da Sociolinguística, permite, aponta e justifica que a variação está bastante presente no falar.

A Sociolinguística interacional, segundo von Borstel (2011), é definida

[...] como uma área fértil e desafiadora, isso em razão da necessidade de compreender e de refletir sobre a realidade de usos linguísticos de um país em que diferentes dimensões sociais se conjugam para a configuração de um quadro sociolinguístico e pragmático complexo, ou sobre uma realidade que até um passado bem recente era conhecida como uma forma linguística marginalizada pela sociedade – muitas vezes não respeitando a heterogeneidade linguística regional do bidialetismo e do bilinguismo no cenário brasileiro (VON BORSTEL, 2011, p. 25).

A Sociolinguística Variacionista, quantitativa, cujo autor de renome é Willian Labov, surgiu em meados dos anos 60, sequenciada pela Sociolinguística antropológica, sociológica e discursiva e pela Interacional, também conhecida como Sociolinguística interacional. Foi a partir da antropologia, que surgiu a observação participante, com os eventos das salas de aula. Assim, o sociolinguista precisa, antes de mais nada,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecer o formal, a variedade de prestígio, para entender o novo, pois caso não conheça o estrutural, formalizado, regrado, não entenderá a variação. Neste sentido, Antunes (2007, p. 106), explica que “[...] quanto maior a capacidade do falante de usar diferentes normas e diferentes registros – do mais formal ao mais informal – tanto mais competente ele é”.

Pautando-se nos escritos de Tarallo (2001), ratifica-se o até então exposto e ressalta-se a importância e a presença da variação linguística nos mais diversos falares, em toda extensão do país, pois

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. [...] a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 2001, p. 08).

Em Antunes (2007), reitera-se tal importância com o seguinte excerto

[...] a ciência linguística defende que *o bom uso da língua é aquele que é adequado às condições de uso*. Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas sejam ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais, são condicionados por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diversificados da própria língua. (ANTUNES, 2007, p. 104)

Exemplos sugerem que, embasados em Tarallo (2001, p. 14), “[...] a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”. Por isso, retomando as variações linguísticas, aponta-se que as variedades podem ser regionais ou sociais, além das variedades estilísticas/registro.

Valendo-se das reflexões de Sarmiento (2005, p. 44), as variedades de norma são “[...] dialetos (norma culta e normas populares). Já as variedades linguísticas seriam “[...] registros (formal, informal ou coloquial)” (SARMENTO, 2005, p. 44). Este estudo estará mais pautado na variedade linguística, comprovando-se que a preposição utilizada para fazer a regência dos verbos analisados é mudada/alterada por ocasião da informalidade da língua.

Assim, Dell Hymes, em seu estudo *The ethnography of speaking* ou *Etnografia da fala* (1968), a partir do acrônimo SPEAKING, no qual apresenta todos os aspectos que devem ser analisados para uma melhor interpretação de qualquer evento de fala, expõe como sendo primordiais os seguintes itens:

- cenário: tempo, lugar e circunstâncias físicas;
- participantes: quem são as pessoas envolvidas na comunicação;



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- propósitos: objetivos e resultados do evento de fala;
- atos de fala: o ato de fala envolvido: pedido, comando, cumprimento, etc.;
- tom da comunicação: maneira com que os atos são falados, ou seja, de modo formal ou informal;
- instrumentos: a variedade utilizada e o modo de comunicação (oral ou escrito);
- normas socioculturais: regras de quem pode dizer o quê, quando e como;
- gênero: categorias ou tipos de uso da língua.

Desse modo, por se considerar a variação linguística, optou-se por analisar os verbos “ir” e “chegar” e também a permanência ou não da preposição “a”, eleita pela gramática como sendo a “certa” para a regência verbal de ambos os verbos.

Segundo Tarallo, (2001, p. 19), “[...] a língua falada é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”.

E ressalta:

[...] em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão dos fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística (TARALLO, 2001, p. 19).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para a análise, como forma metodológica, foram ouvidas e gravadas, com aparelho celular, 06 professoras cujas formações acadêmicas são: Letras – Português Espanhol/Inglês e respectivas Literaturas – 03 docentes, Educação Física – 02 docentes e Educação Especial – 01 docente. Todas são atuantes ativas na Educação, com vários anos de regência de classe e vasta experiência. Algumas ainda diversificaram sua formação e além da docência cursaram Direito, Psicologia e Pedagogia. Elas estão constantemente em capacitação e formação continuada e são reconhecidas por seus pares, haja vista o exímio trabalho desenvolvido ao longo da trajetória profissional.

As narrativas se deram em um ambiente residencial, depois do expediente das professoras, e após ter sido servido o lanche. Então, todas já estavam bastante à vontade, entrosadas, numa conversa informal, após narração da proponente, sem controle e nem indicação sobre o que falar para não prejudicar, nem interferir na fonte de pesquisa, elas iniciaram os seus diálogos. Houve interação, mas não direcionamento, por não se julgar necessário, haja vista os verbos ora ressaltados para estudo serem largamente empregados na fala cotidiana.

Ainda de acordo com Tarallo (2001, p.22), “[...] os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao *como*”. No caso das referidas professoras, narradoras,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

observou-se que elas se desprenderam totalmente das formalidades e, na naturalidade da situação, não se preocuparam em pensar em regras gramaticais. Elas utilizaram-se da língua, na oralidade, de modo informal e sem monitoramento.

Julga-se necessária tal exposição pelo fato de que, dos professores, especialmente, é muito cobrado que a língua padrão seja constantemente utilizada, mais ainda quando se trata de professores habilitados para o ensino de Língua Portuguesa.

A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2004) assim contribui:

Vamos nos deter na variação que se observa na escola. Para começar, há diferenças relacionadas aos papéis sociais: professores, diretores, coordenadores etc. desempenham função de autoridade que lhes confere direitos especiais e também obrigações: entre elas a de usar uma linguagem mais cuidada – que podemos chamar também de *monitorada* – que a dos alunos (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25).

A autora ressalta que, ao observar as interações em sala de aula, constatou-se a variação linguística muito presente. Embora, nas práticas de letramento, houve maior monitoramento na linguagem por parte do docente, nas práticas de oralidade, sobressaiu-se a coloquialidade (BORTONI-RICARDO, 2004).

Variação linguística e os verbos ir e chegar – regência verbal

Os verbos ir e chegar, presentes em muitas propostas enunciativas, tornaram-se, também, um dos processos de gramati

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

calização, haja vista a preposição “em”, empregada na sua regência, não ser contemplada pela gramática normativa, mas ser uma construção corriqueira e cristalizada nos falares cotidianos.

Na Gramática da Língua Portuguesa, tanto ir quanto chegar são verbos Transitivos Indiretos, motivo pelo qual se pede o uso da regência verbal com a preposição “a”. O verbo ir é irregular e indica movimento, deslocamento de um local ao outro. O verbo chegar é regular e indica que foi atingido o término de um dado movimento de ida ou vinda.

A preposição “a” é, segundo a gramática, essencial e invariável, atuando como “conectivo” entre palavras ou orações. Enquanto regência, estabelece “relações” entre as palavras e as orações.

Ao tratarem sobre a função das preposições, os gramáticos Terra e Nicola (1997), Cegalla (1972) e Almeida (1973) são unânimes ao definirem-nas como conectivos que desempenham funções de ligação entre as palavras: substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo.

Porém, ambos os verbos, com suas regências, apresentam divergências entre o que está prescrito pela Gramática Tradicional e o que é vivenciado, diariamente, na realidade linguística.

Como forma de contribuição, trazendo recortes específicos das gravações, apresenta-se seu conteúdo, base para esta pesquisa, como forma de exemplo, para depois dar sequência



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

às discussões. Metodologicamente, serão apresentados os exemplos das narrativas gravadas, transcritas de forma literal, e, na sequência, exemplos de como tais construções seriam abordadas pelas gramáticas tradicionais da Língua Portuguesa. Trata-se de frases/orações retiradas de determinado contexto linguístico, que são as que apresentam a indicação dos verbos ir e chegar, seguidas ou não da regência verbal pré-estabelecida pela normatização gramatical. Das narrativas, são os seguintes trechos estudados neste trabalho:

- *Você chega Lá e diz que não tinha. (Lá - Local de trabalho)*

- Ao chegar ao seu local de trabalho, diga que não havia.

- Diga, ao chegar ao seu local de trabalho, que não havia.

- Não havia. Diga ao chegar ao seu local de trabalho.

- *A namorada dele foi pra Itália?*

Para + a = pra.

Para - residir = fixo

A - retorna = móvel

- *Quando eu chego meio dia em casa, percebo que tô sem chave.*

- Ao chegar à casa, meio dia, percebo que estou sem as chaves da porta.

- Ao meio dia, ao chegar a minha casa, percebo que estou sem as chaves da porta.

- Percebo que estou sem as chaves da porta, ao meio dia, ao chegar a minha casa.

- Percebo que estou sem as chaves da porta, ao chegar à casa, ao meio dia.

- *Aquele dia que ela foi Lá na tua casa...*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Aquele dia que ela foi a sua casa...
- No dia em que ela foi a sua casa...

- ***Chega o cara Lá na porta...***
- Chega o cara à porta...
- À porta, chega o cara...

- ***Quando ela chega na porta do banheiro...***
- Quando ela chega à porta do banheiro...
- Quando, à porta do banheiro, ela chega...

- ***Ele vai no banheiro...***
- Ele vai ao banheiro...
- Ao banheiro, ele vai ...

- ***Ele foi na detrás...***
- Ele foi àquela casa que está localizada atrás da minha...
- Ele foi àquela casa que fica atrás da minha...
- Àquela casa, que fica atrás da minha, ele foi...

- ***Quando cheguei Lá, cadê? A gente saindo Lá pra baixo...***
- Quando chego a Boa Vista, cadê? Nós estávamos de saída para lá...

- ***Ele chegô pra mim e falô assim...***
- Ele chegou até mim e disse assim...
- Ele se achegou a mim e falou assim...
- Ele chegou até mim e disse o seguinte...

- ***Eu fui pra casa.***
- Eu fui para casa.

- ***Eu quando vô na minha irmã...***
- Quando eu vou à casa de minha irmã...
- Eu, quando vou à casa de minha irmã, ...

- ***Fui na Loja e comprei...***
- Fui à loja e comprei...



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Fui até a loja e comprei...
- ***Eu e a fulana fomo Lá na frente...***
 - A fulana e eu fomos até lá, na frente, ...
 - A fulana e eu fomos diante da vidraça e ...
 - A fulana e eu fomos diante da janela e ...
- ***Daí ele foi lavá o vidro...***
 - Após isso, ele lavou o vidro...
 - Ele lavou o vidro após isso...
 - Após o acontecido, ele lavou o vidro...
 - Após isso, ele lavou o vidro...
- ***Eles vão Lá e comem tudo. (um Local)***
 - Eles vão até o local e comem tudo.
 - Eles, vão até o local e comem tudo.
- ***Ela vai toda quinta na Célula³.***
 - Ela vai, todas as quintas, à Célula.
 - Ela vai todas as quintas-feiras à Célula.
 - À Célula, todas as quintas ela vai.
 - À Célula, todas as quintas, ela vai.
- ***Cheguei em casa ele falou assim...***
 - Cheguei à casa e ele me disse o seguinte: ...
 - Cheguei à casa e ele me disse assim...
 - À casa, cheguei, e ele me disse assim...
- ***Ele deve ter chego Lá na Célula dele e dito que...***
 - Ele deve ter chegado à Célula e dito que..
- ***Ia mandá mensagem pra vê se eu podia i na Célula.***
 - Iria mandar mensagem para saber se eu poderia ir à Célula.
 - Mandaria mensagem para saber seu eu iria à Célula.
- ***Dia 02 eu vou Lá pra São Paulo.***
 - No dia 02 eu irei a São Paulo.

3 Denominação religiosa; encontro religioso.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- A São Paulo eu irei no dia 02.
- Eu irei a São Paulo, no dia 02.

- ***Daí fui Lá e reservei tudo.***
- Fui até o local e reservei tudo.

- ***Nós fomos pra Recife.***
- Nós fomos a Recife.

- ***Eu vô só pra Guaraniaçu.***
- Eu só vou a Guaraniaçu.

- ***Fui ontem no parque.***
- Fui ao parque ontem.
- Ontem fui ao parque.
- Ao parque, ontem eu fui.
- Ao parque, eu fui, ontem.
- Ao parque eu fui ontem.

- ***Chego no parque, uma mocinha veio pu meu lado...***
- Cheguei ao parque, uma mocinha veio até mim...
- Quando cheguei ao parque, uma mocinha veio até mim...
- Quando cheguei ao parque, uma mocinha veio em minha direção...
- Veio até mim, uma mocinha, quando cheguei ao parque.

De forma resumida, a sintaxe estuda a correta alocação dos termos no interior das frases, orações, períodos e textos. A semântica preconiza o significado. Dado isto, sintática e semanticamente, todos os exemplos acima expostos atendem a essas duas condições relevantes para a construção de enunciados.

Tais exemplos comprovam e sustentam o que já se sabe: a língua é variável. Os falantes não recorrem estritamente às



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

normas gramaticais, aquelas prescritas há tempos, que não contemplam a variação linguística. Contudo, quando eles não apresentam as normas, por muitos, são tachados de incoerentes quanto às construções sintático-semânticas, pois abrem mão da normatização, do bem falar e do bem escrever.

Desse modo, apoiados na afirmação de alguns linguistas, entendem que, se houve comunicação, é válido. Retornando aos exemplos, comprova-se que, embora as estruturas sintáticas não estejam ordenadas de acordo com a gramática normativa, tudo o que foi exposto foi passível de compreensão.

No entanto, é relevante destacar o fato de a língua também ser eletista e excludente. A interação informal é específica para espaços de informalidade, momentos propícios às variações, mas há contextos em que a normatização ou o uso mais polido, mais próximo às regras, é importante.

De acordo com Antunes (2007),

Somente uma língua idealizadamente descontextualizada é uniforme. E o que é uma língua descontextualizada? É a língua artificial, inventada; língua para dar exemplos. É a língua das frases soltas, que continuam a ter lugar nas salas de aula. Língua que não tem como referência uma situação, um sujeito, uma finalidade comunicativa. Parece uma coisa oca (ANTUNES, 2007, p. 105).

O que se percebe é que a preposição “a” é substituída pela preposição “em”. Enunciados do tipo “chegar a casa” sugerem maior distanciamento sentimental, diferentemente de “chegar em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

casa”, que se remete ao lar e expressa maior intimidade por parte do falante. O uso da variação “pra” é uma prática tão constante que muitos desconhecem a regência do verbo ir com a preposição “a”.

Quanto às ocorrências no diálogo dos professores, trata-se de casos idiossincráticos, ou seja, uma visão peculiar, pessoal, própria, uma escolha daqueles que, por sua formação acadêmica, têm noção e conhecimento das regras gramaticais.

Tais casos de idiossincrasia são reafirmados a partir da observação dos trabalhos apresentados na página da PUC/RS, especificamente sobre regência verbal. Ressalta-se que na

[...] apresentação dos aspectos normativos da língua, como em qualquer apreciação de fatos lingüísticos, há que se observar o que é preferível, o que é tolerável, o que é admissível, o que é aceitável, o que é grosseiro, o que é inadmissível, deixando de lado a dicotomia elementar, o primitivismo lingüístico que observa a língua sob o prisma estreito de "certo" x "errado" (SCARTON; SMITH, 2002).

Ainda, não se deve deixar de considerar que são casos favoráveis, prosodicamente, haja vista serem mais espontâneos, sem contínuo monitoramento.

Considerações finais

A variação linguística é uma linha de estudo cujo objetivo consiste em reconhecer e entender os usos linguísticos realizados por determinadas comunidades. Analisaram-se as varia

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ções quanto ao uso da regências dos verbos “ir” e “chegar” como sendo casos de gramaticalização, uso recorrente no falar, não admitido nas regras normativas da língua, mas socialmente aceito no uso cotidiano, como formas cristalizadas.

Contudo, apesar da existência da variação linguística, reitera-se que não se deve abandonar o ensino das normas da gramática tradicional nas salas de aula, especialmente pelo espaço da Escola ser o ambiente propício para o estudo científico, regrado, formal. O cientista produz conhecimento, enquanto a escola o socializa de forma efetiva, de modo contextualizado. A ciência e a disciplina Gramática trazem estudos e conhecimentos relevantes para aqueles que lançam mão da Língua Portuguesa, especialmente em contextos mais formais de comunicação, em que se requer um uso mais monitorado dos recursos linguísticos.

Referência

- ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M. **Gramática: texto: análise e construção de sentido**. São Paulo: Moderna, 2006.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1973.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática de Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1972.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Atlas, 2010.

HYMES, D. H. *The ethnography of speaking* . 1968.

PASQUALE, C. N.; INFANTE, U. *Gramática da Língua Portuguesa* . São Paulo: Scipione, 2008.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola* . Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.

SARMENTO, L. L. *Gramática em textos* . São Paulo: Moderna, 2005.

SCARTON, G.; SMITH, M. M. *Manual de redação* . Porto Alegre:

PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, [2002]. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/manualred/regverbal.php>>. Acesso em: 22 set. 2014.

TARALLO, F. *A pesquisa Sócio-Linguística* . São Paulo: Ática, 2001.

TERRA, E.; NICOLA, J. de. *Gramática, literatura e redação para o 2º grau* . São Paulo: Scipione, 1997.

VON BORSTEL, C. *A linguagem sociocultural do Brasildeutsch* . São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.